

# JOVENS E FAVELAS: EM BUSCA DE VISIBILIDADE POLÍTICA

YOUNG AND SLUM : POLICY IN VISIBILITY SEARCH

**Mario Pires Simão**

Professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores –

FFP – UERJ

mpiressimao@gmail.com

**Resumo:** Este artigo procura discutir alguns movimentos de visibilidade de jovens de origem popular, residentes em favelas cariocas a partir do seu espaço vivido. Assinala-se a invisibilidade de jovens oriundos de determinadas favelas da cidade do Rio de Janeiro, destacando-se que existem diferentes modos de ser e estar jovem e, especialmente estes jovens têm suas vidas marcadas pela desigualdade e pela distinção territorial de direitos. Busca-se no espaço vivido destes jovens, reunir informações sobre trajetórias de vida e práticas culturais e com isso apontar movimentos de visibilização destes jovens, tais como: as novas representações estéticas que fazem de si e do espaço da favela em que vivem, as estratégias de comunicação e de construção de redes a partir das ferramentas da tecnologia digital, o fortalecimento de uma cultura de rua, mesclando formas e conteúdos novos de participação social e a invenção de novos lugares para si a partir do auto-reconhecimento e do reconhecimento mútuo.

**Palavras-chave:** juventude, espaço, diferença, espaços populares

**Abstract:** This subject identifies visibility movements among youths of popular origins that reside in Rio de Janeiro's favelas. We point to the invisibility of certain young favela residents in the city of Rio de Janeiro, highlighting that there are different ways of being, and living young – and that the lives of these youths in particular has been marked by inequality and differentiated territorial rights. Search in the lived space of these young people, gather information about life histories and cultural practices and this point visualization of the movements of these young people, such as the new aesthetic representations that make you and slum space in which they live, strategies of network communication and construction from the digital technology tools, the strengthening of a street culture, combining new forms and contents of social

participation and the invention of new places for you from the self-recognition and mutual recognition.

**Keywords:** young people, space, difference, popular spaces

## 1. Introdução

Os jovens atraem, mobilizam! Pensá-los a partir da cidade é pensar em diferentes modos de ser jovem, diversas maneiras de estar na juventude e nas variadas formas de viver como jovem na cidade!! Alegrias e dores se alternam, se agriem, se modelam para constituir este corpo jovem na cidade.

Em termos genéricos se o termo juventude é facilmente empregado para caracterizar um conjunto de indivíduos que se encontram numa determinada faixa etária, por outro lado estes artefatos conceituais genéricos da modernidade podem não revelar esta pluralidade. Por isso queremos trazer JOVENS e menos JUVENTUDE. Não que busquemos uma definição precisa. Afinal, obviamente isto não é confortável nem muito menos nos aproxima mais da realidade.

Novaes (NOVAES, 2006, p. 106)<sup>1</sup>, a partir de estudos da juventude carioca, assinala que o conceito mais aplicado a juventude já não mais a define, pois se reconhece um conjunto de variáveis e variações atuais que colocam em cheque a definição meramente de faixa etária, ou seja, de indivíduos situados entre os 14 e 25 anos podendo este intervalo de tempo ser maior ou não. Destacando a juventude brasileira, a autora já aponta para as grandes diferenças que se apresentam em campos diversos, seja no que se refere à condição econômica até às possibilidades de inserção no mercado.

Assim como pensar as favelas na cidade é partir de diferentes sítios urbanos, com configurações espaciais e temporais distintas, é indispensável pensar os jovens dos espaços populares como diversos e reconhecer que desigualdades atravessam a vida de muitos destes que vivem na grande metrópole carioca. Deste modo vamos iniciar este percurso conjugando estas duas dimensões que nos parecem caracterizar bem os jovens de origem popular, isto é, a desigualdade e a diferença.

---

<sup>1</sup> In: Almeida e Eugenio (orgs), 2006

O discurso dominante sobre a juventude de origem popular tem origem em séculos passados, mas focaliza, sobretudo aspectos negativos sobre a condição juvenil.

Descrevendo a cultura de rua no Equador, Mauro Cerbino aponta para o discurso dominante que define os jovens como biopsicologicamente violentos (CERBINO, 2006, p. 7), da mesma maneira como destaca Novaes com a ideia de geração suspeita atribuída ao jovem em artigo sobre juventudes sul-americanas (NOVAES, 2007, p. 99). Em estudo sobre gangues de Brasília de Abramovay e outros (ABRAMOVAY et al, 2002, p. 40-41) a concepção de violência é associada às condições precárias de vida na periferia do Distrito Federal. Cassab e Reis (CASSAB & REIS, 2009, p. 143-154) em um ensaio sobre juventude e cidade descrevem as condições precárias das famílias como elemento central na vida dos jovens realçando o desemprego e a falta de oportunidades como experiência que condiciona a vida e as escolhas dos jovens.

Embora a realidade da desigualdade não se restrinja aos jovens e também não se localiza apenas em favelas, cabe reconhecer que estes territórios e seus moradores vivem condições restritas em termos de acesso à direitos.

A desigualdade se expressa materialmente na constituição de um espaço urbano que não garante o acesso ao conjunto de direitos para uma parcela da população. Porém expressa-se pela produção de uma subjetividade extremamente cruel e promotora de estereótipos e discriminações. Desse modo, o discurso do “menor” ou do “pivete”, a recorrente tradução na mídia de jovens pobres como bandidos ou como coniventes com os “criminosos” e o “tráfico” são apenas expressões pontuais e cotidianas de um discurso do perigo, daquilo que Coimbra (COIMBRA, 2003, p. 26-27 ) chama de mito da periculosidade dos jovens pobres.

Se reconhecemos que a desigualdade tem um duplo caráter, ou seja, um que se expressaria por condições objetivas de acesso a direitos como moradia, trabalho, saúde, lazer, entre outros, e outro por condições mais subjetivas, que se expressaria por conteúdos simbólicos que narram e norteiam o olhar da sociedade em relação a seus indivíduos, é importante afirmar que existem condições de estar no mundo que engessam e, de modo mais contundente, impedem que os jovens exerçam seu direito de escolha.

Consequentemente observa-se uma espécie de particularização<sup>2</sup> da existência dos jovens de origem popular. Vamos observando que o espaço restrito de convivência impede este jovem de reconhecer e valorizar outras possibilidades de vida urbana. Os jovens residentes em espaços populares da cidade enfrentam barreiras para se apropriarem da cidade em tudo que esta pode apresentar.

A desigualdade se expressa também pela restrita capacidade dos jovens de origem popular de ter acesso ao consumo. E mais uma vez esta experiência é recortada pela dimensão espacial. Talvez o principal consumo do qual muitos jovens de espaços populares estejam efetivamente apartados seja o referente a gama de oportunidades de lazer e cultura que a cidade oferece. Evidentemente que observamos o baixo poder aquisitivo atuando sobre a possibilidade de adquirir bens distintivos, mas é importante destacar como a redução da circulação e da mobilidade dos jovens de origem popular os distanciam dos equipamentos que, no geral, não estão bem distribuídos pela cidade.

Além de sua evidente condição marcada pela desigualdade, descrita anteriormente, é imperativo reconhecer que foi se construindo uma estrutura simbólica que (re)apresenta esta juventude a partir desta oposição clara entre a cultura de elite e das classes populares.

Ser jovem de origem popular nos grandes centros urbanos é uma vivência condicionada por um tecido urbano esgarçado e completamente desigual em termos de oportunidades e possibilidades. Morar em favelas, conjuntos habitacionais populares, loteamentos irregulares e outros espaços populares urbanos significa estar distante não simplesmente fisicamente, mas culturalmente das ofertas regulares de lazer e cultura. A distinção e a desigualdade territoriais operam na construção de um indivíduo que encontra obstáculos para se relacionar com o conjunto de possibilidades que a cidade poderia lhe proporcionar. Em outras palavras, as distâncias físicas estabelecidas por um investimento público e privado desigual na cidade atuam certamente para dificultar que estes jovens alcancem e se apropriem dessa diversidade de opções.

A distinção extrapola a dimensão física. Ela tem um caráter simbólico. Há um universo de narrativas, imagens, discursos, representações ativadas que se sustentam numa condenação da estética desta juventude. Os jovens de origem popular são sistematicamente objetos de uma estetização perversa e discriminatória. Associam-se

---

<sup>2</sup> Estamos entendendo a particularização aqui como a redução do espaço vivido pelos jovens de origem popular, que tendem a uma baixa circulação e mobilidade na cidade e por isso tem sua vida reduzida ao contexto de sua realidade particular.

suas práticas sociais e culturais ao vulgar, ao violento e ao imoral. Basta observarmos o olhar crítico e severo sobre sua música, suas roupas, as marcas identitárias corporais, entre outros elementos.

Em outras palavras estamos dizendo que a caracterização comumente utilizada para a juventude de origem popular sobre seus estilos, gostos e práticas culturais está intimamente relacionada à posição destes no espaço social, o que expressa a concepção eminentemente erudita e intelectualizada que define o que é distinto e o que é vulgar, promovendo uma verdadeira diferenciação entre as classes sociais.

Defender a diversidade da categoria juventude e a possibilidade de superar sua tradução como um fenômeno único e global é caminho indispensável. Os jovens são diferentes entre si e, mesmo os de origem popular, também carregam em si diferentes traços identitários que não podem ser reduzidos a uma categoria mais geral, conclusiva e, neste caso, estereotipada.

Os jovens de que falamos são fruto da diferença, marca inexorável da cidade em que vivem. Para além da desigualdade que pode encerrá-los numa tipologia de pobre e carente, são modos de viver diferentes. Cada hábito, costume, cultura, preferência, cada construção identitária se dá por relações sociais variadas, que podem produzir pertencimento ou não, identificação ou estranhamento.

Reivindicamos a diferença como dimensão central para o reconhecimento dos jovens de origem popular porque o espaço é por excelência a experiência da multiplicidade e, desta forma, uma manifestação desta dialética entre o que nos torna unos, em termos da identidade humana, mas ao mesmo passo, múltiplos, como sujeitos indivisíveis. É nesta tensão que o espaço ganha relevo. Ele é expressão da construção e afirmação da diferença. Ela se processa na cidade, em seus distintos territórios e com seus mais diversos sujeitos.

A experiência de ser jovem negro, pobre, morador de favela, de circular em espaços geralmente precarizados, impõe a este sujeito uma condição subalternizada e desumana. Portanto, por mais que possamos falar dos abismos sociais de uma sociedade desigual como a nossa, se queremos construir pontes entre a realidade de hoje e uma utopia de justiça social e de direito à cidade, é preciso retomar a dimensão da diferença, reconhecê-la e defendê-la como forma de garantir que a vida dos jovens de origem popular não seja reduzida, mas ao contrário, afirmada como direito.

Neste sentido, num conjunto enorme de desafios que se apresentam para nós para transpor esta perspectiva do jovem como ameaça, ousaremos destacar dois pontos que precisamos analisar e agir.

## **2. Uma estetização perversa**

Há consonância entre as representações usuais sobre os jovens e a constituição de esquemas modulares que permitam sua classificação. Mas os elementos que sustentam estas representações não são alheios ao conteúdo moral que hierarquiza os indivíduos segundo critérios estéticos largamente difundidos. A consequência mais imediata é o juízo bastante disseminado de uma estética de periferia que se contrapõe ao genuinamente belo e bem feito.

É como se pudéssemos falar da existência de uma identidade social distinta do restante da cultura jovem urbana. Seus hábitos, suas músicas, suas roupas, cabelos e comportamentos são enquadrados como vulgares, numa hierarquização da beleza estética e do gosto cultural. Aqui a construção social do gosto, conforme descrito por Bourdieu encontra um campo fértil para sua constatação. Segundo o filósofo francês o gosto é uma construção cultural, se dá numa relação entre os distintos grupos sociais, portanto os gostos não são independentes, mas fazem parte de uma estrutura relacional e, por fim, no mais emblemático para nossa construção, o gosto pode vir associado à aversão, à intolerância em relação às preferências do outro, o que diríamos mais, acarretaria uma cultura da indiferença e da discriminação.

Ao revisitar estudos sociológicos e antropológicos sobre a sociedade brasileira, deparamo-nos com o debate sobre os hábitos tornados socialmente aceitos e aqueles que foram traduzidos como culturalmente inferiores.

Trata-se, portanto, da construção de uma subjetividade que não se dá sob o foco do sujeito, ou seja, é uma experiência com múltiplas influências e, no caso da desigualdade vivenciada pelos jovens de origem popular, vários elementos externos estão sustentados sobre uma estrutura que traduz seus gostos, seus hábitos e modos de ser pelo viés negativo. Assim, sua roupa está sob alvo da censura, sua música revela-se como vulgar ou animal, sua linguagem é condenada e satirizada. É um corpo estranho que se tenta anular do cenário urbano, que se pretende não estar no espaço da cidade.

As experiências de lazer e os gostos musicais são reveladoras de uma heterogeneidade de comportamentos e práticas dos jovens de origem popular,

exatamente o contrário do que geralmente é tido como referência, ou seja, de que existe um universo juvenil homogêneo nas favelas. Além da tensão entre a cultura de dentro e de fora da favela, vem à tona a tensão entre os ritmos musicais considerados legítimos ou não, isto é, evidencia-se que os jovens não estão alheios a visão das hierarquias sociais no tecido social brasileiro, que se manifesta numa oposição historicamente construída entre o que seria culturalmente aceito e legítimo e o que seria considerado como vulgar, arcaico ou imoral.

Considerando a força da indústria cultural e sua capacidade em criar e difundir hábitos, os jovens são cada vez mais capturados pelo apelo de serem corporeamente e socialmente adaptados a um modelo hegemônico. Sendo assim, as estéticas de si e do mundo no universo dos jovens populares são cruzadas pelo olhar discricionário e preconceituoso que tende a invisibilizar este corpo e suas construções espacializadas no contexto urbano.

### **3. A distinção territorial de direitos**

As distintas condições de ser jovem são cortadas por distintas condições de habitar a cidade.

A cidade contemporânea se apresenta como um emaranhado tecido de pessoas, construções, relações, imaginários. É, na ordem capitalista vigente, uma estrutura que reproduz estas relações sociais de produção e, como tal, centra-se em sua lógica voltada para a acumulação máxima do capital à custa da reprodução de engrenagens promotoras de desigualdades. Desse modo, viver em cidades não é necessariamente garantia de qualidade, de dignidade, de humanização. O Rio de Janeiro não escapa a esta lógica, mas ao contrário, configura-se como um espaço desigual que produz espaços de restrição de direitos para os seus cidadãos, estes qualificados de maneira distinta e hierarquizada.

Os jovens residem numa cidade onde a marca da distinção territorial de direitos é uma experiência cotidiana e extremamente massacrante. Estes jovens residem em bairros populares, em zonas periféricas da cidade, onde o déficit de investimentos públicos e privados se perpetua em nome da acumulação flexível e dos novos ordenamentos do capital em sua escala mais global.

Os jovens convivem há muito tempo com as conseqüências mais trágicas da pobreza, do desemprego e da violência. Contudo, estudos sobre juventude nem sempre

nos permitem enxergar com mais nitidez que parcela da juventude está mais exposta a tais situações. Algumas amostragens e levantamentos específicos que penetram em estratos da população e fazem recortes numa escala intra-cidade são reveladores de que os jovens que mais são atingidos por estas questões residem em favelas e outros espaços populares urbanos.

Viver nas periferias dos grandes centros urbanos tornou-se uma experiência contraditória em termos do valor mais difundido da cidade, ou seja, estar próximo a melhores condições de vida.

As distâncias físicas podem ser identificadas facilmente. O que esta cidade tem para oferecer não é de modo algum equitativo quanto à distribuição demográfica e territorial. Uma simples pesquisa em qualquer sítio eletrônico com localização e mapeamento de equipamentos de lazer e cultura na cidade atesta o que estamos dizendo. Encontraremos áreas extremamente densas e desprovidas deste tipo de equipamento, enquanto verificaremos uma densidade considerável de opções em algumas partes da cidade. Em torno da Avenida Brasil, o principal eixo viário da cidade do Rio de Janeiro, que risca seu território desde a região portuária até os limites da zona oeste, ou seja, uma área extensa e margeada por vários bairros populares apresenta pouquíssimos equipamentos culturais de qualidade, excetuando-se talvez um ou outro centro comercial como shopping center que pode abrigar cinemas e teatros. Este eixo cruza a zona norte e oeste da cidade, abrigando milhares de cariocas. Ao contrário disso, tomando como referência o trecho da orla oceânica da cidade que vai do Leme à ao Leblon, os bairros situados neste trecho são dotados de uma variedade de instalações culturais e de opções de lazer. Objetivamente a relação de proporção é discrepante ao extremo, trazendo implicações inegáveis para a vivência de determinadas experiências.

Mas as distâncias físicas ganham significado e produzem distâncias simbólicas. Constrangimentos e medo emergem facilmente na fala de muitos jovens dos mais diferentes territórios populares da cidade.

Os comentários dos jovens podem não ser diretos em relação aos motivos que produzem os constrangimentos, mas são certamente permeados por uma percepção de que vive-se uma distinção territorial de direitos. Quando não aparecem como uma argumentação para a não circulação, emergem como um estímulo para visitar outros lugares, o que de certo modo permite a constatação de que a circulação e a mobilidade dos jovens não se configuram como direito, nem na percepção de todos e nem na prática.

Torna-se fundamental aqui fazer uma distinção conceitual mesmo que inicial entre o que estamos chamando de circulação e de mobilidade. Aparentemente sinônimas, as duas dimensões demandam uma diferenciação sob o risco de encobrirmos as condições em que emergem e se relacionam com o nosso tema.

Em O direito à cidade, Henri Lefebvre apóia-se na seguinte tese:

A cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso. (LEFEBVRE, 2001, p. 14)

As cidades transformaram-se em enormes concentrações populacionais, consequência de um processo em que o urbano tornou-se o principal modo de produção da vida social, em especial metrópoles americanas e europeias, mas também o Rio de Janeiro com suas especificidades da realidade latino-americana. As populações se amontoam e atingem números inimagináveis. O suporte, inegavelmente inferior à demanda, torna progressivamente as grandes metrópoles em complexos de equipamentos, serviços, redes, vias de circulação e transporte e espaços privilegiados para o circuito produção-circulação-consumo.

Mas antes mesmo de entrarmos nestas desigualdades e contradições cabe destacar que nesta metrópole agigantada a criação dos valores se dá de modo diferenciado. Conforme nos aponta Santos (SANTOS, 1999, p. 190 ) ao referir-se ao conhecimento como recurso do meio técnico-científico-informacional, as zonas urbanas se distinguem pelo conhecimento. Existiriam áreas desprovidas de determinadas vantagens. Isso sugere que as empresas sabem produzir e reproduzir distinções do ponto de vista da capacidade de mobilizar conhecimentos, tal como da capacidade de se distribuir e de forjar um espaço altamente diferenciado em termos de valor, estabelecendo arranjos geográficos específicos na lógica da hierarquização. Portanto, alguns espaços serão privilegiados de serviços de transporte, educação, saúde, equipamentos de lazer e cultura, enquanto outros não serão objetos do interesse das diferentes formas de capital.

Facilmente podemos perceber esta dimensão no contexto dos entraves para circulação descritos pelos jovens. Preguiça, distâncias, falta de dinheiro, incompatibilidade com as práticas do lugar. Demonstrações óbvias de uma circulação

que se processa num contexto de desigualdades estruturais implicadas por uma urbanização que cria periferias urbanas pobres e distantes das centralidades econômicas, políticas e culturais presentes em determinadas partes da cidade. Contudo as distâncias físicas são acentuadas por distâncias sociais, acumuladas ao longo de um processo de reprodução de desigualdades de acesso a direitos. Um tecido urbano marcado pela distinção territorial de direitos traz conseqüências devastadoras para circulação dos seus sujeitos, especialmente o que residem nas periferias.

A cidade, em tese, transforma a vida numa experiência de encontros, de sociabilidades. Circulação corresponde a encontro, à visibilidade, a ser visto e reconhecido. Mas o que dizemos quando circulação está regida por uma regulação que prescreve, distingue e discrimina os sujeitos? Como é possível superar as distinções territoriais de direitos? O direito à mobilidade certamente nos oferece substrato para isto.

A mobilidade é de certo modo uma ruptura com as condições de circulação restritas. Ela torna-se um movimento reivindicatório na medida em que promove rupturas com a distribuição desigual de investimentos de bens e serviços urbanos e que advoga em nome do reconhecimento dos moradores de periferias urbanas como cidadãos pertencentes a Pólis e, como tal, com direitos a se apropriarem do que a cidade pode oferecer como encontro e virtualidade.

Ela é uma condição que corresponde ao princípio da liberdade. Com isto, queremos dizer que entendemos esta relação entre mobilidade e liberdade para além do entendimento do direito de ir e vir, como prerrogativa da sociedade formada de indivíduos. No nosso horizonte, a mobilidade implica o campo da escolha e tem potencial transformador das condições urbanas. É como mais uma vez nos disse um jovem do conjunto de favelas do Alemão, bairro localizado na zona norte da cidade: “Poder escolher onde quer ir é fundamental. Se você faz escolhas, vai e se sente a vontade. Você não precisa gostar de tudo, apenas ter a liberdade para fazer escolha sem constrangimentos.”<sup>3</sup> Desse modo, a mobilidade é um conceito que supõe uma condição de autonomia em termos do exercício do direito de existir. Onde há constrangimento, provavelmente se promove limites quanto à mobilidade.

---

<sup>3</sup> Extraído de Tese do autor intitulada “Cartografias de jovens como sujeitos políticos: dos espaços de identidade aos espaços de visibilidade”, defendida em dezembro de 2013 na Universidade Federal Fluminense.

Fica evidente como os jovens de origem popular operam não simplesmente com as ausências de uma política mais equilibrada na distribuição dos recursos na cidade, mas também aprenderam a conviver com os códigos de circulação estabelecidos pelas redes ilícitas de poder, como o tráfico de drogas. O medo de frequentar outras partes da cidade aparece recorrentemente. As fronteiras do tráfico ainda impõem barreiras para sua circulação.

O medo e o constrangimento apareceram em dimensões e proporções distintas. Tanto podem revelar o receio em relação ao reconhecimento fora da favela, como podem indicar a pouca experiência de vida no sentido de apropriação dos códigos de acesso ao que a cidade oferece.

Se aliarmos as distâncias físicas com a dimensão simbólica que isto assume na cidade, temos um direito cultural que na prática não é garantido, podendo apenas ser exercido por força de uma ação extraordinária, ou seja, fora da ordem social e territorial estabelecida. Logo, criam-se interditos no uso e apropriação dos equipamentos da cidade que tendem a diminuir um trânsito que deveria ser obviamente e culturalmente frequente. Os jovens se veem limitados por talvez não estarem apropriados a frequentar determinados lugares. É como se não dominassem os códigos que lhes permitissem comportar-se tranquilamente nestes lugares, ou seja, como se vestem, como falam, o que consomem, o que olhar, o que valorizar.

Esta cidade se apresenta como um enigma para muitos jovens. Dúvidas e receios em fazer este movimento de apropriação são recorrentes. Por que a jovem do conjunto de favelas do Alemão se auto-questiona sobre estar em Copacabana? Por que alguns jovens da Cidade de Deus sinalizam que a zona sul não é para eles? Por que o uso recorrente da dicotomia fora da favela x dentro da favela? Será que falamos de dois mundos distintos e incomunicáveis?

Por que a cidade se descortina para uns e se apresenta enigmaticamente para outros? Se o que motiva o jovem de classe média a uma circulação restrita na cidade é o medo do “outro”, um medo que se alimenta por uma mídia que sensacionaliza, tipifica e amplifica a violência urbana, o que atua para restringir a mobilidade dos jovens de origem popular também é o “outro”, colocado sob interrogação, sob o desconhecimento. O medo e o constrangimento são recíprocos e reveladores de que sem superação de distinções territoriais não se avança para o direito ao convívio, experiência sine qua non para derrubar as distâncias simbólicas e incidir sobre as políticas que podem alterar as desigualdades concretas no território. Ir ou não a um shopping, frequentar ou não um

cinema, andar ou não na praia, comprar ou não um objeto são experiências perpassadas pela condição de apropriação desta recheada simbologia presente na vida urbana. Os deslocamentos, portanto, são ampliados ou reduzidos conforme a capacidade de cada um para fazer uma leitura dos indiscutíveis sinais para se apropriar da cidade. São como códigos de acesso que abrem ou não as portas para acessar determinadas coisas.

Desse modo, os serviços de transporte podem ser precários e dispendiosos; os gastos com o lazer podem incidir cruelmente sobre a renda; as distâncias físicas podem se constituir como um obstáculo, mas a questão mesmo é que independente dos impedimentos concretos, se não temos a cidade como nossa, ou seja, se não nos apropriamos dela como se ela fizesse parte de nós, é como se ela se apresentasse como algo inalcançável. Os códigos não são lidos e, portanto, não aproximam, não abrem os caminhos para a convivência, pelo contrário se colocam como mecanismos extremamente inibidores, como estruturas simbólicas que geram constrangimento, medo e, conseqüentemente, afastamento.

Em outras palavras, esta distinção territorial de direitos acaba por reduzir o sentimento de pertencimento à cidade para os jovens que vivem em favelas e outros espaços populares da cidade. É como se não fizessem parte deste conjunto. Próximos ou não fisicamente, não se reconhecem como sujeitos que podem se apropriar da riqueza que a cidade lhes tem a oferecer.

Todavia, como superar determinadas representações estéticas negativas e acessar determinados códigos que permitam ao conjunto de jovens ler a cidade como parte de si e não sentirem-se como corpos estranhos a ela? Mesmo diante de todas as estruturas materiais e simbólicas que atuam para invisibilizar os jovens de origem popular, um processo gradual e difuso de manifestações desta juventude está em curso e abala tais estruturas arcaicas e tipologias padronizadas e estereotipadas sobre tais grupos. É a mobilidade que permite encontros. É a mobilidade que promove sociabilidades e rompe fronteiras simbólicas. Ela tem potencial para consolidar identidades mais plurais em termos de sujeitos e em termos de lugares.

#### **4. As novas representações estéticas de si**

Observamos na fala dos jovens de diferentes territórios populares da cidade um imenso desejo de se sentirem efetivamente sujeitos criativos e potencialmente transformadores. Esta dimensão da descoberta soa como a possibilidade de romper

com as representações que lhes invisibilizam a partir da construção de uma condição de liberdade e de ação como substituição às ideias de comportamento e discurso que predomina no contexto social em que vivem.

Descobrir amplia os horizontes anteriormente postos e ativa a capacidade de sentir-se como seres em constante criação. É pois uma descoberta sobre sua própria natureza e sua condição não alienada, não invisibilizada, não padronizada no mundo.

Os jovens têm produzido respostas a este processo de estetização perversa. Estão em busca de reconhecimento de si. Contudo, o reconhecimento de si envolve encontrar, conforme aponta Ricoeur, seu espaço próprio de significação (RICOEUR, 2006, p.109). Mas como encontrar espaço próprio de significação num contexto de invisibilidade política? É exatamente a este processo que o movimento de reconhecimento dos jovens que vem ganhando relevo.

Convivem com as significações negativas de seu espaço de origem e de si mesmos. Parte dos grandes meios de comunicação colabora para disseminar uma representação de violência intrínseca à favela e opera no sentido de estabelecer uma identidade de um jovem favelado violento e ameaçador, um oposto de um cidadão civilizado e ordeiro.

Carentes de tudo demandam atendimento e controle das políticas públicas e da sociedade. Consequentemente, parafraseando a poética advinda da vida de São Francisco de Assis, *onde é houver ódio que eu leve o amor*, o pressuposto é que onde não há nada de bom é preciso preencher. Mas quem define o que preencher? E o que se pretende inserir? As traduções de jovens ociosos, ocupe-se o seu tempo. As traduções de jovens violentos, constitua-se a disciplina, a ordenação dos corpos. As traduções de jovens bio e psicologicamente imaturos, reserve-se uma escola adestradora, impermeável a seus conflitos ou um projeto ou política para dizer-lhes o que devem fazer.

Mas há demonstrações incisivas de superação destes paradigmas. Onde a dor é traduzida pelo luto permanente e as alegrias só são veiculadas quando atravessadas por uma aparente “inclusão social” via trabalho, estes jovens têm produzido novas formas de se representar. É um basta à compreensão distorcida de que estes precisam ser salvos.

Fazer parte de uma comunidade é fazer parte de um corpo, me igualo diante das analogias que me aproximam dos outros, comuns a mim. A novidade trazida por estes jovens é seu sentimento de que fazem parte desta comunidade, mas ao mesmo passo, começam a sentir-se parte integrante, pertencentes a um contexto maior. As

experiências vividas num contexto de maior mobilidade lhes trazem novas analogias e possibilidades de sentirem-se “um” e “outro” ao mesmo tempo.

Há uma enorme capacidade de criação de novas representações sobre estes espaços. Certamente o mais positivo neste movimento é que as novas representações do espaço estão intrinsecamente vinculadas com representações mais ousadas e propositivas sobre si mesmos. “Criar algo novo” emerge como fala. Mas vejamos que este movimento representa a possibilidade de superar o convencional e, conseqüentemente, a capacidade de provocar em outros novos olhares sobre si. É a possibilidade de distinguir-se.

Uma pesquisa realizada pelo Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, no âmbito do Projeto Solos Culturais, com jovens das cinco áreas de atuação apontou um número expressivo de jovens de origem popular que acessam a internet via computadores pessoais ou em *lan houses*<sup>4</sup>. As ferramentas virtuais de relacionamento e comunicação emergiram como estratégia de visibilidade entre os jovens entrevistados. Pereira, a partir de seus estudos sobre as *lan houses*, descreve

A possibilidade comunicacional, via novas tecnologias de interação digital, amplia os ‘contextos relacionais’ dos sujeitos, potencializando a participação de grupos heterogêneos e expandindo ainda mais o leque de experimentações identitárias. (PEREIRA, p. 11, 2010)<sup>5</sup>

Evidentemente estamos falando de uma estratégia de visibilidade que, entre os jovens de origem popular, colabora para ruptura com os estigmas e com o desconhecimento da realidade destes jovens. Falamos sobre a reduzida mobilidade urbana e sobre um processo de não reconhecimento da cidadania dos jovens de origem popular através de uma estética perversa e de uma concepção de cultura elitizada.

Em face a esta realidade, as ferramentas digitais tem a capacidade de ampliar o tempo e o espaço dos jovens, construindo novas territorialidades, mesmo que em ambientes virtuais. Se a possibilidade de mobilidade urbana amplia os diferentes estímulos e experiências vividas pelos jovens nas grandes cidades, para os jovens de origem popular, que tem este direito limitado, o acesso a estas ferramentas pode não

---

<sup>4</sup> LAN é uma abreviação de local area network, ou seja, é um local onde vários computadores estão interligados. Lan House refere-se a uma “casa de computadores em rede”. Extraído de Pereira, V. . In: *Juventude Contemporânea. Culturas, gostos e carreiras*. Velho & Duarte (orgs) Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

<sup>5</sup> In Velho e Duarte (orgs), 2010.

necessariamente criar mobilidades físicas, mas tem enorme capacidade de reduzir distâncias sociais e simbólicas.

Jogos, canais de comunicação, redes sociais e um sem número de aplicativos que atendem a demandas distintas são as motivações principais para acesso aos computadores e as ferramentas da internet. Estes territórios virtuais são vivenciados a partir da construção de uma linguagem específica, muitas vezes resumida e fragmentada, mas ilustrada por uma infinidade de imagens sonoras e visuais, que retiram a palavra de seu patamar de instrumento principal de decodificação do mundo real.

Através destas ferramentas, os jovens têm produzido uma revolução no imaginário urbano, trazendo novas representações e novas produções a partir de um universo simbólico extremamente rico e diverso.

Tais ferramentas podem criar pertenças a medida que favorecem novos modos de manifestação sobre as experiências que vivem. “Se ver” é sinônimo de reconhecimento, de visibilidade, é a manifestação corpórea diante da construção da invisibilidade política e social destes jovens.

O Facebook também apareceu como uma ferramenta de mobilização. É um meio de comunicação entre as pessoas, é um ambiente onde se pode buscar informações atualizadas sobre algumas coisas e, por fim, constitui um espaço para trocas simbólicas, posto que as pessoas podem colocar sentimentos e mobilizar as amizades em torno de sua condição emocional.

Portanto, além do potencial de mostrar o sujeito, ou seja, aquela fala de que no Facebook ele está se vendo e sendo visto, porque posta suas fotos, faz comentários, participa de grupos. É uma ação que tem um crescimento exponencial, pois a cada postagem novos adeptos vão sendo incorporados como amigos e participação do sujeito no meio de um conjunto torna-se ainda mais visível. Por outro lado também, cabe destacar que a ferramenta ainda é um veículo muito oportuno para expressão das ideias num contexto em que existem poucos espaços de participação ativa e de comunicação entre as pessoas. Por meio do Facebook os jovens conversam, conhecem, contestam os outros e a si mesmos, se permitem rir do que fazem e do que os outros postam, vivenciam, mesmo que de modo não presencial, uma virtualidade que ganha uma conotação política, uma vez que se fazem permanentemente como seres projetados para o mundo. Ao contrário dos jovens “atendidos” ou apenas “receptores”, muitos destes jovens têm conseguido transpor as barreiras físicas e simbólicas e jogar para um circuito

grande de pessoas seu modo de vida e seus feitos. É a trama do ciberespaço em que para além do download, os jovens também estão fazendo upload.

É inegável a capacidade que os jovens demonstram em transformar rapidamente as relações virtuais em territorialidade, em corporeidade. As relações travadas no campo do virtual não permitem apenas um modo novo de promover o encontro em meio às dificuldades estabelecidas nos termos da circulação e da mobilidade urbanas. Os jovens travam seus diálogos virtuais, mas os trazem para as ruas. Se na internet podem apresentar seus gostos, seu modo de pensar, suas habilidades, estes elementos ganham as ruas das favelas através de práticas de significação territorializadas e corporificadas. No *passinho do menor*, no *quero ver o baile todo*, nos cortes de cabelo estilizados, na multiplicação das postagens e dos acessos no *youtube*, os jovens vão comunicando um corpo presente e vibrante na cena carioca.

Aitken (AIKTEN, 2003, p. 179) defende que as experiências do ciberespaço, em especial, da rede mundial de computadores pode sugerir uma espécie de *des-corporificação* dos sujeitos, uma vez que uma das características das relações sociais é o anonimato. Porém, o mesmo autor contrapõe a esta interpretação as evidências de que o corpo permanece como centralidade, balisando a produção das identidades de crianças, adolescentes e jovens nas relações *on line*. Em sua pertinente análise, o autor chama atenção para o fato que as tecnologias de informação e comunicação são elaboradas e manifestam as relações sociais do mundo que vivemos. Desse modo, os ciberespaços não poderiam ser vistos como lugares que *des-identificados*, *des-corporalizados*, posto que materializam relações objetivas, ou seja, constituem-se como práticas sociais.

Então, finalmente, referimo-nos a uma cultura digital apropriada pelos jovens de origem popular como uma nova geografia do imaginário da cidade, construída a partir de seus significados e práticas. A partir destas ferramentas e seus ambientes virtuais os jovens desenvolvem relações de amizade *on line*, traçam redes de sociabilidade que se materializam no cotidiano das experiências *off line*, aprendem a lidar com aquilo que corresponde a sua privacidade, e com aquilo que os aproxima dos outros semelhantes em determinado ponto a eles e ao mesmo passo diferentes sob outra ótica. A internet não tem qualquer propriedade inerente, apenas emerge como uma ferramenta potencial para os grupos que se apropriam dela para tecer na sua vida diária mais relações, mais prazer, mais felicidade.

No sentido destas novas estéticas convém destacar o encontro com um elemento do cotidiano que começa a ganhar significado para estes, ou seja, a cultura da rua presentes em seus territórios de origem.

Observa-se, desse modo, como a cultura aparece como uma manifestação do cotidiano e, conseqüentemente, como uma experiência territorializada. Poucos espaços públicos de lazer e os impedimentos e/ou interditos na questão da mobilidade na cidade justificam uma experiência de vivência cultural na rua. Churrasco, futebol, conversa com vizinhos, trocas nas poucas praças existentes, namoros no portão... são exemplos de como os jovens enfrentam as restrições impostas pela condição financeira, pelas fronteiras do tráfico de drogas que estabelece domínio sobre o território e pela circulação mais restrita já mencionada.

Todavia, cabe reconhecer como estas redes de sociabilidade tecidas no cotidiano da rua se constituem como pilares fundamentais para a vida dos jovens. Dominar os códigos da rua da favela é algo que se inicia muito cedo. Se há indícios da dificuldade em decodificar a cidade como um todo em função dos limites de mobilidade vivenciados, nos seus territórios os jovens demonstram conhecimento dos caminhos e dos conteúdos específicos de cada lugar. Conseguem fazer um mapeamento sobre os fluxos e fazer uma leitura sobre como este ritmo pode afetar positivamente ou não sua própria vida.

Embora este cenário possa ser reproduzido em outros bairros, principalmente do subúrbio carioca, a riqueza deste movimento nas favelas é que eles são reveladores da urbanidade que condiciona a vida destes jovens. O baile funk que aparece negativamente em diversos comentários é também uma demonstração da força da rua na cultura destes jovens. O passinho do menor é uma demonstração de como a rua é o espaço por excelência da vida comunitária e da visibilidade. Logicamente que estes jovens assim como os outros jovens urbanos vão aos shoppings, frequentam calçadões e praias, vão ao cinema, mas a sua principal forma de socialização está nas ruas da favela. É uma forma de dizer que a cidade lhes pertence. É uma forma de reivindicar o espaço público para socialização.

Os jovens ressaltam a liberdade do uso da rua e se ressentem dos poucos espaços públicos para convivência. É o reconhecimento de que as sociabilidades são tecidas também fora do ambiente doméstico, do espaço de morar. Este relato é um manifesto explícito de que estes jovens não querem simplesmente habitar, circular, estudar, trabalhar. Exigem isto como direito, mas anseiam mais. Morar não é simplesmente

habitar uma unidade domiciliar. Morar é tecer uma relação com os outros que estão ao seu redor, ainda mais num contexto de proximidade e de carências estruturais. O espaço público nas favelas é uma experiência permanente de encontro. Nele as pessoas se conhecem, se relacionam, dão significado a vida porque vivenciam a mais humana de nossa condição, ou seja, a sociabilidade.

É por meio desta sociabilidade que os jovens estão descobrindo-se mais ousados do que esperavam ser. Os jovens relatam suas experiências de solidariedade, de trocas simbólicas, de diálogo entre os diferentes. Fazem-se a si mesmos neste contexto da rua. A rua é a possibilidade de criar algo novo, porque a rua é o espaço da pluralidade. Nas ruas têm crianças brincando, têm comerciantes vendendo, têm serviços de circulação sendo prestados, têm gente dialogando nas portas, têm sons diversos que se cruzam, tem cores que se multiplicam. É a rua na favela um mosaico indescritível. Os jovens se apropriam de todos estes signos porque estão nela mais tempo que os outros. Fazem combinações. Misturam os signos de dentro e fora da favela. Eles dialogam com estes signos e com isto desenvolvem uma enorme capacidade de releituras sobre a realidade. Esta apropriação é uma fonte inesgotável de criação do novo. Nada é convencional. Nada é facilmente explicado. Contudo, estes jovens transitam por estas ruas e vão coletando estes códigos e transformando-os em potência.

O visível desejo pela rua relaciona-se diretamente com o significado desta para os jovens. Estar na rua é de certo modo poder inventar um lugar para si, é a possibilidade de romper com instituídos concernentes ao ambiente doméstico. A dimensão que a rua ganha na vida dos jovens que entrevistamos é sem dúvida de grande proporção. Ela se apresenta como o lugar de possibilidades, lugar de encontros, lugar de visibilidade e não o lugar das convenções, do controle e da restrição.

Nossa aposta é de que o sentido implicado neste “alternativo” é a possibilidade dos jovens não ficarem condicionados e programados ou sujeitos a espaços de restrição de direitos.

Portanto, o novo não é simplesmente uma conquista pessoal. Mesmo que tenha implicações imediatas com as realizações e obtenção de sucesso profissional, o novo aqui apresentado também deve ser entendido como a possibilidade de fazer escolhas atinentes às bandeiras e promessas que povoam as histórias das comunidades de origem.

O novo ainda tem íntima relação com comunicação e com o desafio de publicizar as potências, as qualidades dos seus territórios de origem. Não são poucos os relatos sobre os pontos de encontro, sobre as diferentes redes de sociabilidade

costuradas no contexto dos territórios de moradia. Neste caso, o novo tem exata relação com novas representações sobre estes territórios, construídas a partir de marcos construtivos que invertem a lógica da pobreza, da violência e da incivilidade que permeiam o universo das favelas no imaginário coletivo.

## **5. Considerações Finais - Em busca de mais visibilidade política**

Diante da reduzida mobilidade urbana e dos estigmas com que convivem historicamente, os jovens vão encontrando caminhos, vão produzindo novas inserções, vão tecendo pontes para garantir o direito de ser e estar na cidade. Estes movimentos impõem novas representações de si e do mundo e trazem o lugar onde moram para o centro da discussão.

As favelas, traduzidas pela paisagem e pela incivilidade, progressivamente começam a aparecer como espaços privilegiados de convivência, de produção cultural, de sociabilidades elaboradas em contexto de resistência e criação. É a partir desta territorialidade que dá sentido a vida dos jovens que estes começam a se projetar e a se entenderem como co-responsáveis e autores da cidade.

Seus principais movimentos de visibilidade a partir do que coletamos podem ser reunidos em: fazer, criar e comunicar.

Os lugares reservados aos jovens na estrutura social estão em questão para estes sujeitos. Os jovens reiteraram a intensidade de suas vidas no fazer. As transmissões oriundas do passado e as promessas de futuro pouco impactam seu imaginário. Fazer é emocionalmente e cognitivamente muito mais excitante e significativo e está intimamente ligado ao fazer-se. Fazer-se é principalmente o sentimento de poder falar por si mesmo, de não mais ter interlocutores para apresentar o seu universo.

Especificamente para os jovens de origem popular, o fazer-se, ou melhor, ter a autoria de sua vida, é o maior desafio diante dos estigmas e de uma sociedade que tende a definir o que pode ser ou não considerado aceitável.

Os limites de mobilidade os impulsionam a criar alternativas em seus territórios de origem. Cultura performativa, capacidade de dar respostas inesperadas e pouco convencionais sobre elementos de sua vida, o envolvimento em espaços de trocas de informação e de conhecimento menos formais, uma vez que a escola e diferentes cursos sempre o colocam no lugar de “alunos”, de “beneficiários”, de “clientes”, de “usuários”, enquanto buscam construir espaços menos formais de apropriação do conhecimento e

produção de cultura, são iniciativas emblemáticas deste processo de criação. Oficina para uma parcela destes jovens é considerada “clichê”. É como se fosse a reprodução da lógica da cultura popular amadora e folclórica.

Então como podemos dar respostas a isso? Alguém o tem feito? Cremos que sim. Existem expressivas manifestações deste novo lugar. Nas escolas, nas ONGs, nas ruas, nos coletivos. É preciso mapeá-los. E é preciso dar visibilidade a elas para que outros jovens possam se engajar. Contudo todas elas são atravessadas pelo desafio de pensar igualdade e diferença como referências centrais na construção de uma cidade mais justa e democrática, onde os jovens possam sentir-se acolhidos, valorizados e com espaço para se projetarem.

### **Bibliografia**

ABRAMO, H. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5/6, p. 25-36, número especial, maio-dez. 1997.

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002

AYTKEN, Stuart C. **Geographies of young people**. The morally contested spaces of identity. London and New York: Routledge. Taylor & Francis Group, 2003.

ALMEIDA, M. I. M. & EUGENIO, F. (orgs) **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2006.

BARBOSA, Jorge Luiz ; DIAS, Caio G. **Solos Culturais**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2013.

BARBOSA, Jorge Luiz. A multiplicação da internet nas favelas e a visibilidade social dos jovens. Entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos. Fev/2013.

<http://www.posgeo.uff.br/multiplicacao-da-internet-nas-favelas-e-visibilidade-social-dos-jovens-entrevista-com-jorge-luiz>

BARBOSA, Jorge Luiz. Juventudes e Cidades. Conferência ministrada em I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidades do Instituto de Ciências Humanas da UFJF.

Out/2013. **Revista de Geografia** – número especial. V. 1. 2013

<http://www.ufjf.br/revistageografia/files/2013/02/Palestra-Prof.-Jorge-Barbosa.pdf>

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand/Difel, 1989.

- \_\_\_\_\_. (1979) **A distinção**. Crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. 2 ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2011
- CASSAB, Clarice. **(Re)Construir Utopias**: jovem, cidade e política. Tese de Doutorado em Geografia. Instituto Geociências. Niterói: [s.n.], 2009.
- CASSAB, Maria Aparecida Tardin. **Jovens pobres e o futuro**: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza. Niterói: Intertexto, 2001.
- CASSAB, Ma. A. T & REIS, J. Juventude e Cidade: um debate sobre regulação do território. **Revista Praia Vermelha**. Rio de Janeiro. V. 19 no. 2. p. 143-154. Jul-dez 2009.
- CERBINO, Mauro. **Jóvenes em la calle**. Cultura y Conflicto. Rubi (Barcelona): Antrophos Editorial, 2006
- COIMBRA, Cecília M. B. & NASCIMENTO, Maria Lívia. Jovens Pobres: o mito da periculosidade. In: FRAGA, P. C. P. & LULIANELLI (orgs.), A. S. **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003
- FAVERO, Osmar et al. (orgs). **Juventude e Contemporaneidade**. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPED, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).
- LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Tradução de Maria Helena Rauta Ramos e Marilena Jamur. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- \_\_\_\_\_. **La production de l'espace**. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Centauro, 2001.
- MAGNANI, José G. C. & SOUZA, Bruna M. (orgs.) **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- NOVAES, Regina. Nada será como antes: notícias das juventudes sul-americanas. Publicação do **Observatório da Cidadania**, 2007.
- RICOER, Paul. **Percurso do Reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: espaço e tempo: razão e emoção. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SILVA, Jailson Souza & BARBOSA, Jorge Luiz. **Favela**: Alegria e Dor na Cidade. Rio de Janeiro: Editora SENAC Rio; [X] Brasil, 2005